

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO GERAL (LABFORM) - 4º CICLO DE ATIVIDADES

3ª SÉRIE

OBS.: Realize apenas as atividades, aqui presentes, solicitadas pelos(as) professores(as) da sua habilitação.

Disciplina: Filosofia

Professor: Marcus Pedroza

Orientações:

CORONAVÍRUS: É PRECISO REMUNERAR O TRABALHO DOMÉSTICO E O DE CUIDADO, DEFENDE ECONOMISTA

Juliana Sayuri

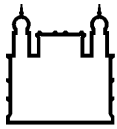
21 de Abril de 2020, 1h04

“JÁ PASSOU DA HORA DE ACORDAR”, me disse o economista brasileiro Paulo dos Santos, professor da New School for Social Research, em Nova York, no começo da semana passada, enquanto o Brasil acompanhava a novela sobre a possível demissão do ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta. Ele se referia ao modelo que predomina no atual debate econômico: ênfase no mercado em detrimento da sociedade. “Quem tem acesso a exame e remédio, quem pode ou não pode trabalhar home office, quem morre e quem sobrevive, tudo isso está em jogo na atual pandemia”, ele me disse.

Em entrevista por FaceTime – ele, em Acra, em Gana; eu, em Aichi, no Japão –, o economista me falou sobre como a crise do coronavírus pode ressignificar o valor do trabalho, e mudar o foco do debate econômico. “Essa não é apenas uma crise epidemiológica e econômica, é uma crise social. É também uma oportunidade aberta para focar na sociedade. É vingar o social”, define Santos,

Há cerca de um mês, Santos preferiu sair dos Estados Unidos, atual epicentro da pandemia com mais de 676 mil infectados e 34 mil mortes, para ficar com a família no país africano no Golfo da Guiné, que registrou 214 casos de coronavírus e cinco mortes até a manhã de 7 de abril. No Brasil, são 31 mil casos e mais de duas mil mortes.

“A pandemia é um choque global, que a certo ponto nos faz reconhecer que todos estamos conectados. Nos quatro cantos do mundo, a crise está revelando dois tipos de trabalho



essenciais. Um é visível, os serviços que todos notam o quanto precisam agora: luz, internet, gás. Outro ainda é invisível, o trabalho de cuidado”, afirma o economista.

Trabalho de cuidado é um campo que inclui atividades diárias diretas (cuidar de crianças, idosos, indivíduos com doenças ou com deficiências físicas e mentais) e indiretas (cozinhar, lavar, limpar etc). Embora essenciais, tais tarefas são mal pagas ou até não pagas, como é o caso para muitas mulheres “do lar”.

No mundo todo, mulheres e meninas diariamente dedicam 12,5 bilhões de horas ao trabalho de cuidado sem receber um centavo, segundo o estudo “[Tempo de Cuidar](#)”, lançado pela ONG Oxfam Brasil em janeiro deste ano, às vésperas do Fórum Econômico Mundial. Se fosse remunerado, esse tipo de trabalho movimentaria no mínimo US\$ 10,8 trilhões por ano, mais de três vezes o valor da indústria de tecnologia do mundo. Se esta cifra impressiona, imagine o abismo socioeconômico entre homens brancos bilionários e mulheres negras e pobres: os 22 homens mais ricos do mundo acumulam mais riqueza do que todas as mulheres da África juntas, indica o estudo.

“A pandemia pede uma mobilização sem precedentes do que as economistas feministas chamam de ‘trabalho de cuidado’, cuidar de nós mesmos, nossas famílias, nossas comunidades. Nas próximas semanas ou meses, a maioria precisará focar nesta tarefa essencial: cuidar da saúde coletiva e ajudar a salvar milhares ou até milhões de vidas ficando em casa. Muitas pessoas precisarão fazer isso e, ao mesmo tempo, cuidar de milhões de crianças que estão fora da escola, de outros entes queridos que não conseguem cuidar inteiramente de si sozinhos, e dos que ficarem doentes, mas não precisarem de internação. Nós precisamos alocar recursos para permitir que essas pessoas façam esse trabalho”, escreveu Santos no blog [The Developing Economics](#).

Mestre pela London School of Economics e Doutor pela Universidade de Londres, Santos se define como aluno eterno de economistas feministas como Nancy Folbre, Julie Nelson, Nancy Fraser, Cinzia Arruzzo e Alessandra Mezzadri. “Aprendi e continuo aprendendo muito com o trabalho delas”.

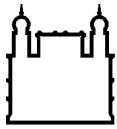
Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

Intercept – No Brasil de Bolsonaro, instaurou-se uma discussão sobre proteger a economia ou priorizar as vidas dos trabalhadores diante das recomendações de paralisação de atividades e isolamento social. [O que diz o dilema?](#)

Paulo dos Santos – Obviamente é uma oposição falsa. A economia não é nada senão um sistema de processos, instituições e ações através das quais nós, enquanto sociedade, produzimos o que precisamos. Não há dicotomia entre economia e sociedade. Há dicotomia entre lucro e vida. Neste contexto, a resposta que nós damos diz muito sobre quem somos como sociedade.

Na situação atual, precisamos pensar e decidir como podemos nos organizar para produzir o que precisamos. Isso traz certas tensões, com questões de fundo: o que é, afinal, essencial? Quem produz o que é essencial? Quais são os custos para reorientar a economia ao que é necessário? Em outras palavras, a crise atual é uma ilustração do valor do trabalho, do trabalhador.

E qual é o valor do trabalho?



O pensamento econômico atual é pautado por uma visão de preços de mercado de trabalho, isto é, o salário, medido a partir da ideia de produtividade. “Você não ganha muito porque você não é muito produtivo”, dizem. É uma lógica torta e não precisamos ir muito longe para ver isso. O trabalho de cuidado é o maior exemplo: é um trabalho sem o qual uma sociedade simplesmente não funciona, envolve horas de dedicação, mas muitas vezes não é sequer reconhecido, é mal ou nem é remunerado.

“Por que eu, empresário, tenho que pagar licença maternidade ou paternidade porque você decidiu ter filho e vai ficar fora para cuidar dele?”, alguém vai dizer. Ora, você emprega pessoas? Sim. Pois é, alguém cuidou e educou essas pessoas, você já está se aproveitando desse trabalho que alguém desempenhou 25-30 anos atrás. Mas o pensamento econômico atual não considera esse trabalho, que não tem nada a ver com produtividade, como algo de valor: não tem valorização salarial, não tem prestígio, não tem condições.

O primeiro passo é reconhecer esse problema. E reconhecer, como há muito tempo indicavam teóricos tão diferentes como Adam Smith e Karl Marx, que todo mundo depende de todo mundo e não há trabalho totalmente independente. Que as medidas de valor do trabalho estão erradas. Que querem se mostrar como critérios meramente técnicos, mas, na verdade, refletem a posição social de quem desempenha qual tipo de atividade. E o trabalho que importa, o que precisamos agora mais do que nunca, é o cuidado.

É possível quantificar o trabalho de cuidado?

Pois é, neste contexto, como a gente recompensa esse trabalho tão importante? Ninguém tem uma proposta definitiva, e eu não vou me atrever a arriscar. É muito difícil quantificar e precificar, pois o modelo de mercado já contém dentro dele uma desvalorização, um dado viciado.

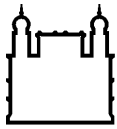
‘Não há dicotomia entre economia e sociedade. Há dicotomia entre lucro e vida’

Desde a década de 1990, economistas feministas vêm destacando como o trabalho de cuidado é desvalorizado. Funções cotidianas como nutrir, educar e criar são historicamente associadas a mulheres, dentro e fora de casa (a responsabilidade recai ou sobre a própria dona de casa ou sobre uma cuidadora contratada, uma babá ou uma enfermeira, por exemplo).

De um lado, o trabalho doméstico não é remunerado e nem é considerado no PIB [no Brasil, as mulheres respondem por 85% dos afazeres domésticos, com dedicação diária de até 6 horas, enquanto a participação dos homens chega a 60 minutos; se fossem remuneradas pelo trabalho feito dentro da própria casa, elas responderiam por quase 11% do PIB nacional, indica um estudo da demógrafa Jordana Cristina de Jesus, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. De outro, se contratados, cuidados de casas, crianças e idosos são mal remunerados. São atividades fundamentalmente importantes, desempenhadas por pessoas de posições sociais mais vulneráveis.

Toda sociedade vai revelar muito sobre sua realidade ao se pensar quem cuida de quem cuida de nós. No Brasil, a maioria dos servidores domésticos são mulheres pobres, periféricas, negras. Surpreende, por exemplo, que uma das primeiras mortes no país foi de uma empregada doméstica infectada pela empregadora que voltou de viagem da Itália? Isso revela a desvalorização da vida de quem desempenha essas funções. É ignorar o valor da vida dos vulneráveis.

Por que historicamente tais trabalhos foram delegados às mulheres?



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Diversas autoras, como Nancy Folbre, Julie Nelson e Nancy Fraser, tratam dessa questão, sobre como se construiu a ideia de que cuidar da casa é “naturalmente” para meninas e mulheres. Mas um dos primeiros a apontar para a questão foi o teórico alemão Friedrich Engels, no século 19, a partir do trabalho do antropólogo americano Lewis Henry Morgan, que trata do “acidente histórico” que levou nossa espécie a uma divisão de trabalho entre homens e mulheres, o que não tinha o significado de gênero tal qual o atual. Engels tratou da possibilidade de acumulação de riqueza nas esferas de atividade ocupada por homens historicamente, relegando às mulheres as atividades do lar. Em outras palavras, na época da ascensão do capitalismo, a sociedade se dividiu entre a esfera “pública”, masculina, e a esfera “privada”, feminina. De lá pra cá, foi ladeira abaixo, cristalizando a desigualdade de gênero que persiste até hoje.

No Brasil, médicos e enfermeiros foram aplaudidos por sua atuação na pandemia. Por que esses trabalhos são valorizados e outros não?

É uma pergunta importante, na qual antropólogos e sociólogos devem se debruçar. É uma diferença abismal, de fato. Mas não custa lembrar: na Grã-Bretanha, onde médicos e enfermeiros também foram aplaudidos recentemente, a resposta foi a seguinte: aplauso é muito bom, mas não vale nada se cortarem investimentos para a rede pública de saúde. Vale para o Brasil.

A crise pode ressignificar e revalorizar o trabalho de cuidado?

Como diz o físico alemão Max Planck, as ideias avançam um funeral de cada vez. Quer dizer, nada é automático, é preciso mobilizar.

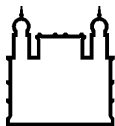
Esta é uma crise epidemiológica terrível, que deve levar a uma recessão econômica assustadora, com desemprego cataclísmico – segundo a estimativa do Federal Reserve de Saint Louis, a previsão é de 32% nos Estados Unidos para fins de junho, o que quer dizer mais de 50 milhões de desempregados. Terá um custo altíssimo de desumanização, degradação, sofrimento social. Isto é, não é apenas uma crise epidemiológica e econômica, é uma crise social. É também uma oportunidade aberta para focar na sociedade. É vingar o social.

Nós nunca pensamos como um carro funciona até que ele quebre e a gente precise rever o motor, tentar descobrir o problema. Pois é, o carro quebrou, assim como em 2008, quando o mundo passou por uma crise financeira internacional, gigantesca. Não é uma pedrinha no caminho, é uma ponte que caiu. Já passou da hora de acordar, de pensar como modular a atividade econômica de uma forma mais justa, mobilizar trabalhadores e intelectuais para gerar discursos novos para mostrar que o que importa é o social, o público, o comum.

Diante de uma epidemia, se você tem acesso a médicos, você ajuda a preservar a saúde coletiva da sociedade; se você cuida de alguém, você está desempenhando um papel que faz toda a diferença; se você tem acesso a seguro desemprego, você pode manter despesa desempregado, quer dizer, gera um bem social. E nós, economistas, precisamos entender o que está acontecendo e ajudar a engajar a sociedade.

O trabalho de cuidado é subestimado pelos economistas?

A economia ignorou isso por muito tempo. A esquerda ignorou isso por muito tempo. O trabalho de cuidado foi negligenciado por parte de acadêmicos marxistas e pós-keynesianos, por parte do movimento sindical, que ignoraram a dimensão de gênero. E a gente está pagando o preço agora, pois essa negligência abriu brecha para feministas liberais, não necessariamente



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



progressistas, para quem a emancipação começa e termina quando você tem uma CEO mulher, de um lado, e milhões de mulheres discriminadas, de outro. É óbvio que é importante ter uma CEO, mas não é suficiente – se você não tem igualdade, você tem desigualdade. O que estamos tentando articular é uma visão integrada de um projeto de emancipação, que não tem como desconsiderar o social. É um trabalho em andamento.

Quem deve cuidar de quem cuida de nós?

Todos nós. Vivemos em economias de mercado, então, é preciso prover para as pessoas que atuam no trabalho de cuidado. E, veja só, existe uma tecnologia antiga, a moeda, a renda. É preciso, portanto, instituir programas de renda universal, transferências sociais e tudo mais para essas pessoas, principalmente agora. Não como medida emergencial apenas, mas de longo prazo, um benefício garantido pela sociedade através do estado.

É um pequeno passo em direção ao reconhecimento e, principalmente, de cuidado para as necessidades básicas de quem sempre cuidou de nós. É o mínimo para garantir o funcionamento de uma casa, um nível básico de acesso e consumo. No fundo, isso quer dizer reconhecer que 1) existe este trabalho; 2) é essencial este trabalho; 3) cuidadores são membros da sociedade; 4) eles estão trabalhando o tempo todo para o bem-estar dos outros; 5) e devem ser remunerados, valorizados. Se nós, como sociedade, não fizermos isso, ninguém fará.

Questão:

- 1) O texto acima articula política, saúde pública e economia. A ciência é capaz de dar o diagnóstico do problema que há para ser resolvido e as suas características, mas ela não é capaz de tomar as decisões necessárias para debelar o problema, pois todas as decisões não são científicas, mas políticas. Qual é o principal tema da matéria acima? Qual é a articulação possível entre política e saúde contida nela?

Cuidem-se!!

Disciplina: Filosofia

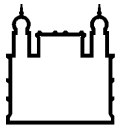
Professor: Murilo Vilaça

Orientações:

Tema: filosofia política moderna: o pensamento de Maquiavel.

Atividade proposta: assistir ao documentário *O Príncipe (Nicolau Maquiavel)* (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LUDOnaqziLo>) e ler o artigo *A concepção de Estado e de poder político em Maquiavel* (disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/1532>).

Objetivos: compreender aspectos fundamentais do pensamento político maquiavélico.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Sugestão de metodologia de estudo: ao longo dos próximos quinze dias, assista ao vídeo e, depois, leia o texto, destacando conceitos e trechos que julgar mais importantes e, se for o caso, escreva suas dúvidas numa folha em separado.

Explicação/contextualização das atividades: ao longo desse período que estamos tendo atividades remotas, em razão da crise sanitária, temos seguido o seguinte caminho:

- atividade 1: rever documentário, a fim de identificar características gerais da democracia ateniense;
- atividade 2: estudar sobre origens históricas, conceitos fundamentais e paradoxos da política ocidental;
- agora, na atividade 3, o objetivo é começar a compreender os traços fundamentais da filosofia política moderna. Faremos isso, começando a estudar sobre um importantíssimo filósofo, Nicolau Maquiavel.

Disciplina: História

Professor: André Dantas

Orientações:

Faça o que se pede:

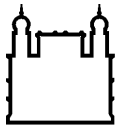
I) Leia atentamente o texto, marque palavras, conceitos e referências a acontecimentos históricos não compreendidos e pesquise-os:

Imperialismo

Uma primeira questão na definição de imperialismo é seu caráter múltiplo: Não há um imperialismo, mas imperialismos. Cada um com suas práticas e estratégias de controle específicas, possuindo também diferentes definições. A ideia de *império* surgiu já na Antiguidade. Para Roma, império era a extensão do próprio Estado, construído com base na colonização. Mas a palavra “imperialismo” apareceu apenas em 1870, sendo bastante utilizada entre 1890 e 1914, e servindo ainda hoje para designar práticas militares e culturais desenvolvidas por potências para exercer domínio sobre outros Estados, politicamente independentes.

As múltiplas definições de imperialismo podem ser buscadas em uma historiografia tão vasta quanto heterogênea: de Lenin, que primeiro sistematizou o imperialismo como objeto das ciências sociais, até Edward Said, que no fim do século XX estudou o imperialismo na literatura ocidental. Desse amplo debate, o imperialismo se define como um período histórico específico, que abrange de 1875 a 1914, quando a Europa Ocidental passou a exercer intensa influência sobre o restante do mundo. O conceito designa também o conjunto de práticas e teorias que um centro metropolitano elabora para controlar um território distante.

O conjunto de práticas que constitui o imperialismo começou a ganhar coerência a partir do fim do século XIX na Europa ocidental, com a concorrência entre as economias capitalistas, o



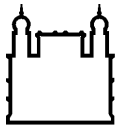
abandono da política liberal, o nascimento dos oligopólios e a participação dos Estados na economia. Foi o momento do surgimento do Capitalismo monopolista, em que a livre concorrência entre diferentes empresas gerou concentração da produção nas mãos das mais bem-sucedidas, levando à formação de monopólio. Rapidamente, os bancos passaram a dominar o mercado financeiro, exportando capital, influenciando as decisões de seus Estados e impelindo-os para a busca de novos mercados.

Nascido, assim, da formação dos monopólios, o imperialismo promoveu disputas por fontes de matérias-primas entre trustes e cartéis que, já tendo dominado o mercado interno em seus países de origem, precisavam se expandir para além de suas fronteiras, defrontando-se com cartéis e trustes de países concorrentes. Nesse momento, a classe detentora da produção capitalista passou a rejeitar as fronteiras nacionais como barreira à expansão econômica, transformando o crescimento econômico em expansão territorial.

O período entre 1870 e 1914 esteve, dessa forma, associado à expansão do Capitalismo monopolista, à conquista política e militar de territórios e ao auge do imperialismo sobre o mundo, com a partilha da África. Quase todo o mundo, com exceção da Europa e da América, foi dividido em territórios dominados por potências como a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha e, mais tarde, os EUA e o Japão. Essa divisão respondeu à busca por novos mercados empreendida simultaneamente pelo capital monopolista de diferentes economias, que se confundiam com os próprios governos nacionais, gerando assim rivalidade entre as potências. O próprio *status* de potência estava associado à posse do maior número possível de territórios dominados e se tornou por si só razão política para a expansão. Porém, apesar de ter como pano de fundo a expansão mundial das relações capitalistas de produção, o imperialismo teve também raízes políticas e culturais, entre as quais se sobressaía a crença na superioridade cultural e racial dos europeus. Além disso, gerou diversos discursos cujo objetivo era o controle do proletariado nas próprias metrópoles. Um dos discursos de maior influência defendia que a migração do excedente populacional da metrópole para as colônias serviria como válvula de escape para países superpovoados, melhorando as condições dos trabalhadores metropolitanos e diminuindo a tensão social. Assim, a colonização de territórios conquistados geraria mais empregos e mais riqueza para a sociedade conquistadora. Esse discurso permitiu que a burguesia dominante – a única classe a realmente lucrar com a colonização – convencesse toda a sociedade metropolitana dos benefícios da expansão colonial. Esse processo, segundo Hannah Arendt, deu origem à transformação do imperialismo em nacionalismo (já que todas as classes se identificavam com os interesses do Estado-nação que, por sua vez, se identificava com os interesses do capital monopolista), e à posterior transformação do nacionalismo em fascismo. Assim, o imperialismo seria a origem do fascismo europeu pós-Primeira Guerra Mundial.

Também teorias racistas, como o darwinismo social, tiveram importante papel na justificação da dominação imperialista, ao defenderem a superioridade dos povos brancos sobre outros povos. A “*raça branca*”, que se atribuiu o *status* de raça superior, assumiu, a partir dessas teorias, a missão civilizadora de levar *progresso, desenvolvimento e civilização* àqueles povos que considerava incivilizados e racialmente inferiores.

Essas justificativas ideológicas tiveram a função principal de convencer as massas das metrópoles de seu papel civilizador no mundo, mas também atingiram as elites de regiões



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

dominadas, sobretudo na América Latina, que por sua situação de território construído a partir da Europa tinha muito mais pontos em comum com os imperialistas do que o restante do mundo. Para entendermos a situação diferenciada da América Latina diante do imperialismo, precisamos retroceder para a própria constituição histórica desse território. Segundo Marc Ferro, de todas as independências do mundo, apenas as realizadas na América Latina não foram levadas a cabo pelos nativos, mas pelos próprios conquistadores. E como foram os descendentes desses conquistadores que dominaram os Estados nacionais latino-americanos no século XIX, as afinidades com as ideologias europeias, inclusive imperialistas, não são assim de espantar.

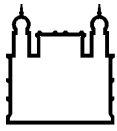
Na América Latina, o imperialismo do fim dos séculos XIX e XX foi principalmente financeiro e comercial, ou seja, em geral não houve dominação política, mas sim dependência econômica. Em sua primeira fase, esse imperialismo foi em especial inglês, sendo a Inglaterra a principal potência a emprestar dinheiro aos Estados americanos e controlar seus investimentos. Mas no século XX, esse imperialismo britânico foi gradativamente substituído pelo imperialismo norte-americano, bem mais intervencionista. O controle dos investimentos e dívidas dos Estados americanos passou então a ser feito pelos EUA, que também realizavam invasões e intervenções militares diretas, sobretudo sobre o Caribe e a América Central. Tal domínio criou, além disso, durante o decorrer do século XX, um crescente imperialismo cultural norte-americano sobre a América Latina.

Já o imperialismo inglês, durante o final dos séculos XIX e XX, tornou-se intervencionista na África e na Ásia, dividindo essas regiões com outras Nações europeias, como a França e a Alemanha. Nesse caso, a dominação foi também política, com a transformação dos territórios e povos dominados em colônias.

Visto que o imperialismo também teve seu momento de colonialismo, qual a diferença entre o imperialismo dos séculos XIX e XX e a expansão colonial europeia dos séculos XVI e XVII? As diferenças estão nas ligações do imperialismo com o capital financeiro e no fato de a conquista política não ter sido sua única forma de expressão, podendo a dominação imperialista também se acomodar à independência política dos povos submetidos. O colonialismo da Idade Moderna, por sua vez, era nitidamente mercantil e baseado no controle total, político, cultural e social da região dominada.

Hoje, no início do século XXI, assistimos, em plena era da globalização, a uma nova fase do imperialismo, visível na intervenção militar norte-americana sobre o Iraque. Nesse caso, tanto o termo imperialismo quanto colônia foram deixados de lado por terem se tornado sinônimos de dominação, e os dominadores falam agora em *protetorado*, termo que designa um país submetido a uma potência intervencionista que se define como democrática e pacífica e tem suas intenções de dominação disfarçadas sob um discurso de defesa dos direitos humanos e dos interesses internos da população submetida. O imperialismo, dessa forma, está vivo e é um dos mais importantes aspectos das relações internacionais atuais.

In: SILVA, Kalina V. e SILVA, Maciel H. Dicionário de Conceitos Históricos. SP: Contexto, 2009 (2 edição). p. 218-221.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



II) Em função da leitura que você acabou de fazer, interprete a imagem abaixo (se esforce para identificar os personagens representados).



Disciplina: Língua Estrangeira

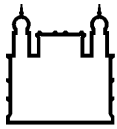
Professoras: Andrea Antunes e Renata Rocha

Orientações:



La lengua española, así como la lengua portuguesa, son lenguas habladas por un gran número de personas. Hay muchos países que hablan español como lengua oficial, como en México, España, Ecuador, etc. Así como el portugués se habla en Brasil, Mozambique y Portugal, por ejemplo. Cualquier lengua puede presentar variaciones en el tiempo y en el espacio geográfico, producido por los hablantes en su uso diario.

Como sabemos, por nuestra experiencia como hablantes de portugués de Brasil, hay muchas variaciones regionales entre nosotros hablantes de esa lengua, uno que es “carioca” y



otro que es “goiano” sabrá exactamente las características que les identifican a sus regiones. Detectamos, rápidamente, un hablante “paulista” u otro que sea “baiano”. Algunas de estas características pueden ser tratadas con desprecio y perjuicio. Los rasgos de identidad lingüística de un hablante están rellenos de su cultura y historia. En México, los nativos de la Ciudad de México llevan el adjetivo de *chilango*, según Mónica Porporatto. Ese adjetivo se convirtió en gentilicio coloquial que se puede llevar de modo orgulloso o de modo peyorativo. Para Elsa Díaz Coria, *chilango* para los de la Ciudad de México está más que anclado a nuestra identidad territorial. En ese punto Díaz destaca que “la palabra *Chilango* dejó de ser un nominativo despectivo para convertirse en una marca que identifica a los nacidos y los arraigados en la Ciudad de México, que estamos aquí por el gusto de vivir en ella”. Es increíble el acercamiento a que muchos de los mexicanos nacidos en la capital de México tienen con la palabra *chilango*, parece que es más que un gentilicio coloquial es un modo de vivir que identifica los habitantes de Ciudad de México o CDMX (para sus ciudadanos más apasionados).

1. ¿Cómo son llamados aquellos que nacen en la capital de Brasil?
2. ¿Cómo los nacidos en Rio de Janeiro son llamados? ¿Y los que nacen en la capital del estado?
3. Explica el origen de los gentilicios de aquellos que nacen en el estado y aquellos que nacen en la capital del estado de Rio de Janeiro, así como aquellos que nacen en la capital de Brasil y aquellos que nacen en Brasil:
4. E tu opinión, ¿qué es perjuicio lingüístico? Ejemplifica utilizando el texto.
5. Selecciona 3 palabras habituales, que te parezca sorprendente, en el diccionario Chilango. Busca y trae la definición de cada palabra:

Bibliografía

<https://quesignificado.com/chilango/>

<https://www.elfinanciero.com.mx/opinion/elsa-diaz-coria-a/chilango-una-marca-gentilicio-para-la-ciudad-de-mexico>

Disciplina: Língua Estrangeira

Professora: Luciana Figueiredo

Orientações:

Olá!

Espero que vc, seus familiares e companheiros de quarentena estejam com saúde.

Nesse III Ciclo de Atividades , vamos abordar o EBONICS, o qual, até não muito tempo, era chamado de BLACK ENGLISH. Como muitos estudiosos consideravam preconceituoso o

termo BLACK ENGLISH, este foi substituído por EBONICS English. Mas...por que EBONICS?:

EBONICS origina-se do nome da madeira nobre da África chamada ébano. (em inglês, EBONY) que, no seu interior, é de cor preta.

Então: EBONY + PHONICS : EBONICS.

(adaptado de

www.collinsdictionary.com)

Tal variante do inglês não é privilegiada socialmente, pois é falada majoritariamente pelos negros de classes sociais baixas.

A origem dessa variante se deu com a chegada dos negros da África nos Estados Unidos. Os negros, que desconheciam o inglês, aprenderam essa língua apenas ouvindo tal idioma; eles não tiveram educação formal da língua inglesa.

Através da compreensão oral, os negros foram capazes de reproduzir “um inglês”, ou seja, uma variante desse idioma. E, hoje, chamamos essa variante, que sofreu diversas mudanças ao longo do tempo, de EBONICS.

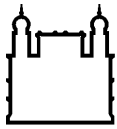
O EBONICS tem vocabulário, pronúncia, ritmo e outros aspectos linguísticos diferentes daqueles que encontramos no chamado Standard English (inglês padrão).

Para que você adquira um pouco mais de conhecimento sobre o EBONICS, gostaria que, primeiramente, ouvisse a música “Ain’t got”, da Nina Simone, acompanhando a letra (Vide youtube). Reparem que a pronúncia de algumas palavras, assim como o ritmo da fala da cantora são diferentes daqueles característicos do inglês padrão.

Na primeira parte da letra, a cantora faz um relato de tudo aquilo que ela não tem. Qual a expressão usada para isso?

Ain’t got (EBONICS), que corresponde ao inglês padrão "I do not have"

Na segunda parte da letra, Nina lista tudo o que ela tem, usando a expressão I GOT ao invés de I HAVE.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Faça um levantamento vocabular das palavras que se referem ao que ela tem e ao que ela não tem. Procure no dicionário o significado dessas palavras.

Um forte abraço e cuide-se bem!

Disciplina: Literatura

Professora: Gabrielle Paulanti

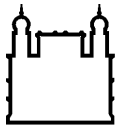
Orientações:

Leituras:

- Obra de Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista do Brasil. Como indicação, preferencialmente a introdução de Danglei de Castro Pereira, “Uma voz em conflito” (pág.7), e o conto “A escrava” (pág.163).
- “Navio Negreiro” de Castro Alves.

Conteúdo audiovisual online:

- Sobre Maria Firmina dos Reis:
<https://www.youtube.com/watch?v=UmlcAf3I9sM>
- Sobre o teatro no Brasil no século XIX:
<https://www.youtube.com/watch?v=IcMSC6GSqzY>
- Filme “Xica da Silva” de Carlos Diegues:
<https://www.youtube.com/watch?v=lQMGk7LQ1AA>
- Sobre Castro Alves:
https://www.youtube.com/watch?v=scu_7Vd1Kag



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Disciplina: Literatura

Professora: Suelen Barbosa

Orientações:

Literatura brasileira

I-Partindo do pressuposto de que as principais figuras de linguagem usadas pelo poetas românticos eram metáforas, hipérboles, antíteses, ironia; indique quais destas estão presentes nos poemas a seguir e faça uma análise deles.

Como eu te amo

Como se ama o silêncio, a luz, o aroma,
O orvalho numa flor, nos céus a estrela,
No largo mar a sombra de uma vela,
Que lá na extrema do horizonte assoma;

Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta,
As canções saudosíssimas do nauta,
Quando em mole vaivém a nau flutua,

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombras e do dia as cores,
Um céu com luzes, um jardim com flores,
Um canto quase em lágrimas sumido (...)

Gonçalves Dias

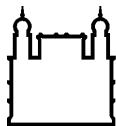
Adeus, meus sonhos

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!

Misérriimo! Votei meus pobres dias
À sina doida de um amor sem fruto,
E minh'alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.

Que me resta, meu Deus? Morra comigo
A estrela de meus cândidos amores,
Já que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores

Alvares de Azevedo



Disciplina: Matemática

Professor: Felipe Granato

Orientações:

Caros alunos, os encaminhamentos e orientações foram produzidos em formato de vídeo.

Abaixo segue o link do artigo citado no vídeo que ficará como exercício para vocês.

Link: <http://www.rpm.org.br/cdrpm/15/9.htm>

Saudações a todos! Vamos sair dessa.

Disciplina: Química

Professor: Marcos Vinícius Motta

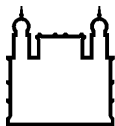
Orientações:

FUNÇÕES OXIGENADAS

→ **Conceito**

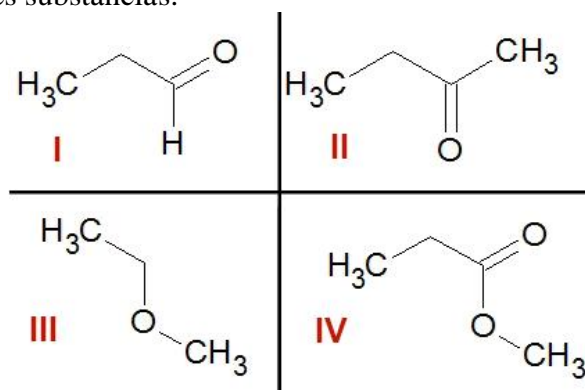
As funções orgânicas oxigenadas, como o próprio nome já diz, são aquelas que apresentam o oxigênio como constituinte.

***Nº de carbonos + tipo de ligação + função
oxigenada***



função	grupo func.	terminação / nomenclatura
álcool	C-OH	ol
fenol	$\text{C}_6\text{H}_5\text{OH}$	hidróxi...
enol	=C-OH	enol
éter	C-O-C	éxi
éster	$\text{C}=\text{O}$... ato de ... ila
cetona	$\text{C}-\text{C}(=\text{O})-\text{C}$	ona
aldeído	$\text{C}=\text{O}$ $\text{C}-\text{H}$	al
ácido carboxílico	$\text{C}=\text{O}$ $\text{C}-\text{OH}$	oico

1) Considere as seguintes substâncias:



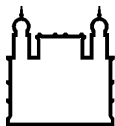
e as seguintes funções químicas:

- | | |
|-----------------------|------------|
| a) ácido carboxílico; | d) cetona; |
| b) álcool; | e) éster; |
| c) aldeído; | f) éter. |

A opção que associa **CORRETAMENTE** as substâncias com as funções químicas é:

- a) Id; IIc; IIIe; IVf.
- b) Ic; IId; IIIe; IVa.
- c) Ic; IId; IIIf; IVe.
- d) Id; IIc; IIIf; IVe.
- e) Ia; IIc; IIIe; IVd.

2) A seguir são apresentadas as fórmulas estruturais de algumas substâncias que, de alguma forma, fazem parte do nosso cotidiano.



I. Ácido benzoico - usado como conservante pela indústria de alimentos.	II. Acetato de propila - substância presente nas peras e uma das responsáveis pelo seu aroma.
III. $\text{H}_3\text{C}-\overset{\text{O}}{\parallel}{\text{C}}-\text{CH}_3$ Propanona - conhecida como acetona, usada para extração de óleos vegetais e como solvente de tintas e esmaltes.	IV. CH_2-CH_2 OH OH Etan-1,2-diol - conhecido como etilenoglicol. Aditivo que, adicionado à água dos radiadores de automóveis, permite que a água permaneça no estado líquido em um intervalo maior de temperatura.

Compostos orgânicos presentes no cotidiano

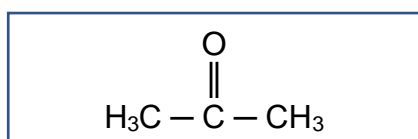
Identifique as funções a que cada uma das substâncias citadas pertence:

- a) Éster, éter, cetona, álcool.
- b) Ácido carboxílico, éter, cetona, álcool.
- c) Ácido carboxílico, éster, aldeído, álcool.
- d) Ácido carboxílico, éster, cetona, álcool.
- e) Ácido carboxílico, éter, aldeído, álcool.

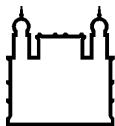
3) (UFLA) O butirato de etila, largamente utilizado na indústria, é a molécula que confere sabor de abacaxi a balas, pudins, gelatinas, bolos e outros. Esse composto é classificado como:

- a) álcool
- b) éster
- c) aldeído
- d) ácido
- e) cetona

4) (Unicamp-SP) A substância 2-propanona



pode ser chamada simplesmente de propanona, já que não existe um composto com o nome 1-propanona. Explique por quê.



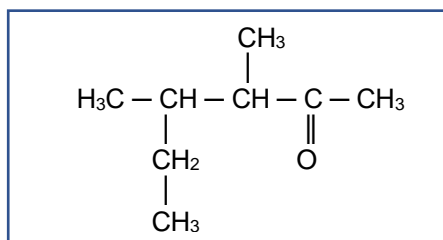
Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



5) (FEI-SP) A nomenclatura correta do composto da fórmula seguinte é:



- a) 3,4-dimetil-5-hexanona
- b) 3-metil-4-etil-2-pentanona
- c) 3,4-dimetil-2-hexanona
- d) 3-metil-2-etil-4-pentanona
- e) 3-sec-butil-2-butanona